

O Tempo e a Memória

NOTAS SOBRE 2008

por Mário Soares

1. 2008 vai ser um ano complexo e, sob alguns aspectos, muito difícil. Os Estados Unidos, motor do capitalismo financeiro, está a dar sinais muito preocupantes. As bolsas estão descontroladas, contaminando o movimento bolsista internacional, de Frankfurt a Londres, de Tóquio a Singapura ou a Hong-Kong; o valor do dólar não para de descer; o déficit externo aumenta, com consequências negativas nos investimentos que vêm do exterior para a América; o preço do petróleo, ultrapassando os cem dólares por barril, não se sabe onde vai parar; o desemprego aumenta, criando uma crispação social de mau augúrio; bem como a inflação; o sub prime deu origem a uma bolha imobiliária que condiciona negativamente todo o sistema.

Acrescente-se à recessão, que se adivinha, o descrédito internacional da política americana, as catástrofes anunciadas no Médio Oriente, do Iraque ao Afeganistão, do Paquistão ao Líbano, o agravamento do conflito israelo-palestiniano (a presença de Bush na Região, foi um não-acontecimento), para não falar do "braço de ferro que se perpetua, com o Irão... Tudo isto, no pano de fundo das eleições presidenciais americanas, que se decidirão em Novembro próximo. Veremos se os americanos terão o bom senso de escolher uma mudança não retórica, que se traduza por uma ruptura a sério com o passado recente. É bem necessário que assim seja. Até pelas dificuldades que também atingem os países emergentes e o resto do Mundo.

2. Será a União Europeia capaz de sair do impasse? A Presidência Portuguesa - devemos reconhecê-lo - deu um bom impulso, com o apoio da Senhora Merkel. Mas o Tratado de Lisboa será mesmo ratificado, durante o ano em curso, pelos 27 Estados membros? Essa é a questão principal com que estamos confrontados. Houve um bom sintoma: a adesão de mais 9 Estados ao Espaço Schengen, uma manifesta prova de confiança no rearranque da União.

Mas é preciso mais. A União deverá tornar-se protagonista principal e autónomo, na cena internacional, com um modelo social que seja exemplar, sendo um factor permanente de paz, de segurança, de solidariedade e dos valores humanistas. Isto é: um longo e decisivo caminho político a percorrer.

3. Em Portugal, discute-se ainda se a ratificação se deveria fazer por referendo ou no Parlamento. Nunca fui grande entusiasta de referendos, partidário acérrimo como sou da democracia representativa. Mas propu-lo à Assembleia, em 1992, quando foi aprovado o Tratado de Maastricht, porque modificou radicalmente as condições da nossa adesão, apontando o caminho para a União Política dos Estados europeus (com o que, aliás, em absoluto, concordo).

Agora, não. Portugal que saiu de uma Presidência que deu um impulso incontestável ao avanço da União, daria, promovendo um referendo, um mau exemplo aos outros países, entre os quais alguns o não podem fazer, como a França, o Reino Unido, a Holanda e talvez a Polónia. Seria pôr uma bomba de retardador no Tratado de Lisboa. Exactamente o contrário do que a Presidência Portuguesa procurou fazer, para salvar o Tratado, apagando os fogos e esbatendo as divergências...

4. Foi criada, em Paris uma nova dupla de confusão política e ideológica, quando o que se impõe é clareza nas ideias e nos princípios: a dupla, Nicolas Sarkozy/Tony Blair, em nome da modernidade. Que modernidade? Obviamente a que agrada ao grande capital, que é velha e está muito desgastada pelas promessas não cumpridas. Os tempos agora são diferentes. Há clarificações que estão a ocorrer, por força das circunstâncias. Contudo, a dupla pode fazer alguns estragos. Blair, recém-convertido ao catolicismo, consultor político do banco norte-americano, J. P. Morgan, ainda fala da "terceira via", apesar de desacreditada. Espero que não consiga convencer nenhum socialista consciente. Depois do Iraque e da Cimeira dos Açores, o Mundo está noutra...

Lisboa, 14 de Janeiro de 2008